



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

ISABELA COSTA REIS CABRAL

NASCIDA DA SOLIDÃO: a potência do nome feminino na escrivência de Conceição  
Evaristo

RIO DE JANEIRO  
2023

ISABELA COSTA REIS CABRAL

NASCIDA DA SOLIDÃO: a potência do nome feminino na escrevivência de Conceição  
Evaristo

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciada em  
Letras na habilitação Português e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto

RIO DE JANEIRO

2023

## CIP - Catalogação na Publicação

C117n Cabral, Isabela Costa Reis  
Nascida da solidão: a potência do nome feminino na escrevivência de Conceição Evaristo / Isabela Costa Reis Cabral. -- Rio de Janeiro, 2023.  
36 f.

Orientador: Godofredo de Oliveira Neto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2023.

1. Conceição Evaristo. 2. Escrevivência. 3. Nome feminino. I. Oliveira Neto, Godofredo de , orient.  
II. Título.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

ISABELA COSTA REIS CABRAL

DRE: 119140999

NASCIDA DA SOLIDÃO: a potência do nome feminino na escrivivência de Conceição

Evaristo

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português e Literaturas.

Data da avaliação: 05/ 12/ 2023

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto — Presidente da banca  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nota: 10,0

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Martha Alkimin de Araújo Vieira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nota: 10,0

Média: 10,0

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, a Jesus Cristo, a Nossa Senhora, aos orixás e aos meus guias por iluminarem meu caminho e me abençoarem em mais esse ciclo da minha vida.

Agradeço, do fundo do meu coração, aos meus pais, Ivandro Cabral e Roberta Cabral, por todo o apoio e os inúmeros incentivos durante toda a minha graduação (e toda a minha vida). Além de sempre estarem ao meu lado e acreditarem em mim. Sem os dois, nada seria possível. Sou eternamente grata.

Agradeço à minha irmã, Liana Cabral, pela motivação ao longo de todos esses anos e pelas conversas incansáveis sobre Português e Literatura. Um muitíssimo obrigada por despertar meu amor pelo magistério.

Agradeço ao Prof. Godofredo pela orientação na monografia, pelos preciosos ensinamentos em sala de aula e pelo encorajamento nesse “rito de passagem”.

Agradeço às minhas amigas da Faculdade de Letras, especialmente à Evelyn Laiane, à Victoria Rodrigues e à Ingrid Portela, por todo suporte e carinho durante a graduação. Com certeza, deixaram os dias mais leves e animados pelos corredores da faculdade.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente na minha formação até o presente momento.

## RESUMO

A presente monografia visa traçar uma análise sobre os sentidos e a importância do nome feminino na escrivência apresentada no conto “Natalina Soledad”, de Conceição Evaristo, que compõe a profunda obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). A protagonista batizada pela família como “Troçoléia Malvina Silveira” vive uma realidade permeada de desprezo e machismo dentro e fora da esfera doméstica. A autonegação é um marco da sua resignificação e reivindicação de uma nova vida. Assim, é proposta uma visão acerca da potência feminina e da escolha dos nomes, considerando os nomes importantes ferramentas para a dignidade humana; sobretudo para Natalina Soledad, a nascida da solidão, que já fora conhecida como “a coisa menina mal-vinda ao seio familiar”.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Natalina Soledad; *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*; escrivência; nome feminino.

## RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo esbozar un análisis de los significados y la importancia del nombre femenino en la escritura presentada en el cuento “Natalina Soledad”, de Conceição Evaristo, que conforma la obra profunda *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). La protagonista nombrada por su familia como “Troçoléia Malvina Silveira” vive una realidad impregnada de desprecio y machismo dentro y fuera del ámbito doméstico. La autonominación es un hito en tu resignificación y reivindicación de una nueva vida. Así, se propone una visión respecto del poder femenino y la elección de los nombres, considerando los nombres como herramientas importantes para la dignidad humana; especialmente para Natalina Soledad, nacida de la soledad, quien alguna vez fue conocida como “la cosa niña inoportuna de la familia”.

**Palabras clave:** Conceição Evaristo; Natalina Soledad; *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*; *escrevivência*; nombre femenino.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OS NOMES FEMININOS E A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	10
3 ORIGEM DE TROÇOLÉIA MALVINA SILVEIRA.....	13
3.1 TROÇO.....	14
3.2 LÉIA.....	16
3.2.1 LEIA NA BÍBLIA.....	20
3.3 MALVINA.....	21
4 NATALINAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	22
4.1 NATALIDADE DAS NATALINAS.....	23
4.2 A PROXIMIDADE DAS NARRATIVAS.....	25
5 POR QUE NATALINA SOLEDAD?.....	27
5.1 NATALINA.....	28
5.2 SOLEDAD.....	29
6 CONCLUSÃO.....	32
7 REFERÊNCIAS.....	33



## 1 - INTRODUÇÃO

Ao ler a obra da escritora Conceição Evaristo, chama a atenção a sua particular abordagem a respeito das relações de gênero e da resiliência feminina em um contexto social permeado por questões sexistas. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), a autora põe em evidência histórias plurais de mulheres que foram afetadas de alguma forma por uma realidade brasileira marcada pelo machismo e patriarcalismo.

O livro é uma antologia de contos narrados em terceira pessoa pela narradora/ouvinte que repassa aos leitores os relatos de vida de cada mulher que dá nome a seus respectivos capítulos da obra. Com isso, “a autora deu voz e destaque para mulheres que por séculos tiveram suas histórias silenciadas estruturalmente por uma sociedade brasileira baseada no patriarcalismo e racismo.” (RESQUE, 2021, p. 109), criando um certo tom de denúncia social e reafirmando um lugar de resistência feminina.

Nesse panorama, primeiramente, será realizada uma observação sobre a importância e a potencialidade dos nomes femininos na obra de Conceição Evaristo, levando em consideração o conceito de escrevivência constituído pela própria autora. Fica claro que nomes têm o poder de dar e retirar a dignidade da pessoa humana dentro e fora da ficção. Assim, os sentidos e os efeitos de um nome impactam diretamente e/ou indiretamente na vivência de seus titulares, sobretudo na narrativa feminina, o nome ganha destaque ao assumir o controle sobre a sua própria história.

A vivência de Natalina Soledad, em especial, retrata a realidade do sexismo que a afeta desde a sua formação no ventre de sua mãe, sendo rejeitada e negligenciada mesmo antes de nascer. O desprezo familiar era tanto que Natalina nasceu como Troçolêia Malvina Silveira. Tal registro em sua certidão de nascimento é uma ferramenta de poder sobre sua vida. Assim, será construída uma análise acerca da origem desse nome tão impactante e degradante.

No entanto, a protagonista, assim como as outras mulheres insubmissas da obra, consegue se erguer contra seus alçozes. Ela demonstra a resiliência feminina na sua jornada carregada de sofrimentos. Para isso, Natalina se autoneomeia: um marco de sua ressignificação e reivindicação de uma nova vida, expondo a potência do nome feminino.

Desse modo, uma questão é promovida no próprio conto: “Por que Natalina Soledad? Por quê?” (EVARISTO, 2016, p. 25). Algumas hipóteses são levantadas em relação às motivações da personagem em relação à sua trajetória e contexto, além das coincidências com

outra protagonista de Conceição Evaristo que compartilha o nome “Natalina” em “Quantos filhos Natalina teve?”, retirado da obra *Olhos d'água* (2014).

## 2 - OS NOMES FEMININOS E A ESCRIVÊNCIA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A potente obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, propõe-se a dar voz a mulheres subjugadas e subalternizadas na sociedade brasileira contemporânea por meio da escrivência. Conforme as próprias palavras da autora presentes no prefácio do livro, “ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrivência.” (EVARISTO, 2016, p. 8). Escrivência essa que conta a “história a contrapelo” — conforme o ideal do filósofo Walter Benjamin (1940) —, sob um olhar que não é legitimado socialmente.

Desse modo, Evaristo abre um grande espaço de pluralidade e complexidade para suas personagens não tão ficcionais, denunciando a tentativa de quebra de estereótipos e de domínio do corpo feminino, como acontece em “Natalina Soledad”. O nome é uma importante ferramenta na construção das personagens que traçam vivências regadas de insubmissas lágrimas, principalmente em “Natalina Soledad”, o foco desta monografia.

A própria conjuntura de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* retrata — seja de maneira subjetiva, seja explícita — o tamanho poder dos nomes, destacando, principalmente, a importância do nome feminino — que inclusive intitula cada conto presente nessa coletânea. É interessante como o título já expõe para os leitores, em seu primeiro contato, que tais mulheres que compartilham um pouco das suas jornadas são as protagonistas das suas próprias histórias. Elas traçam suas narrativas como agentes em destaque: são as legítimas donas das suas vivências.

Assim, é possível perceber exemplos claros de como o nome próprio se conecta, fortemente, com o desenrolar das trajetórias das protagonistas, como em “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”:

De Imaculada nada tenho [...], mas não me sinto a primeira e nem a última das pecadoras, mesmo porque não acredito em pecados [...] Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinhas e também minha avó, todas elas, não se contentaram só com “Maria”. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por “Santos” generalizados e não identificáveis. Segundo uma das minhas primas [...], a Terezinha de Jesus dos Santos, filha da minha tia, Rita de Cássia, o meu nome original seria “Maria do Rosário Imaculada das Graças Conceição dos Santos”. (EVARISTO, 2016, p. 43).

Além do mais, esse conto menciona explicitamente o de “Natalina Soledad”. Essa situação é bem enriquecedora para a obra como um todo, pois costura de maneira sutil as temáticas dessas mulheres que compartilham seus sorrisos e lágrimas, inclusive a questão da problemática dos nomes: “E quando, embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria. Tive vontade de contar a história de Natalina Soledad, mas, naquele momento, o meu prazer era o da escuta.” (EVARISTO, 2016, p. 44).

Além disso, há casos mais sutis, que poderiam passar despercebidos, como “Shirley Paixão”, que, por conta da sua enorme paixão pelas filhas, tomou atitudes extremas para defendê-las, até cometeu um crime passional. Outro exemplo é o conto de “Mary Benedita”, em que a personagem principal é apaixonada por línguas estrangeiras e se apresenta como “Mary” apesar de seu nome registrado no cartório ser “Maria”. Ela utiliza o correspondente inglês para tal nome próprio por ser fluente nessa língua e se identificar com essa cultura.

Nesse contexto, a narrativa de “Natalina Soledad”, em especial, gira em torno da problemática do nome de batismo, além da potência da automeação feminina, como constata as primeiras palavras do conto:

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter conseguido se automear. Depois de petições e justificativas, ela conseguira se desfazer do nome anterior, aquele de batismo e do registro, para conceber um outro nome para si. (EVARISTO, 2016, p. 19).

O nome delimita e também empodera. Ele carrega histórias e constitui raízes ancestrais. Temática latente no conto “Natalina Soledad”. Natalina, antes mesmo de ser concebida, já fora rejeitada apenas por sua condição de futura mulher. Sua identidade como ser humano e até mesmo como ser vivo foi negada antes de possuir a própria luz da vida. Ela era apenas um fardo indesejado: um “troço”.

Portanto, através da literatura de Conceição Evaristo, é notório que o corpo da mulher é um “território” em disputa conforme ideais de Dalcastagnè (2007). No conto de Natalina Soledad, é visível que, antes mesmo da personagem se desenvolver por completo dentro do ventre da mãe, o seu corpo já era disputado pelos seus pais. Conceber o feminino manchava o legado inteiramente masculino de gerações da família Silveira. Assim, ela deveria ser bastarda e não seria digna de viver. No entanto, não foi o que aconteceu, e outro corpo em disputa foi o de Maria Anita Silveira (a mãe da protagonista) que recebeu todo o desprezo de Arlindo Silveira Neto (o pai de Natalina) por sua suposta traição (sem cabimento e negada vigorosamente por ela). Nesse contexto, “Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal

alimentou a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoléia Malvina Silveira.” (EVARISTO, 2016, p. 20).

Dessa maneira, Conceição Evaristo rompe com o estereótipo do instinto materno inerente à mulher que está presente na sociedade e ilustrado na literatura. Segundo Dalcastagnè,

[...] um dos discursos mais recorrentes sobre mulheres é aquele que lhes atribui o papel de mãe, já normatizado e fixado em torno da noção do instinto materno, que serve para a naturalização dos papéis de gênero e elimina a idéia do amor como algo a ser construído em uma relação. [...] As mulheres trabalham em uma gama mais variada de sentimentos, que transitam entre a responsabilidade, cansaço, fracasso e culpa [...] (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 132-133).

Além disso, é preciso ressaltar que “Nos romances femininos, os pais estão basicamente ausentes, ou, pior, não passam de estorvos para as personagens — números esses que se acentuam muito entre as não-brancas.” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 133), como ocorre com a situação de Natalina Soledad.

Nesse sentido, Evaristo tece suas obras elaborando uma escrevivência plural. Ela trama sua escrita com base no ato de viver e observar; validando, denunciando, exaltando e dando voz (e um nome) às histórias de vida de tantas pessoas renegadas na sociedade brasileira, sobretudo mulheres negras e pobres. Tal processo de escrita é muito bem exposto no próprio prólogo de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de uma maneira profunda em poucas palavras:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase sempre me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (EVARISTO, 2016).

Com essa enorme bagagem de experiências, a autora tece suas narrativas com um teor poético elevado junto de um conteúdo muito impactante — como “gozo da escuta” e “(con)fundem”. Assim, segundo Pimenta et al:

A partir de uma escrita (des)construída (ou sangrada) ao redor de vidas subalternizadas, invisibilizadas e costuradas com “fios de ferro”, Evaristo demonstra ao que se propõe a “escrevivência”, em suas dimensões que extrapolam o aspecto estritamente ficcional, consubstanciando-se em uma poética do que vive e reivindica a vi(n)da justiça [...] (PIMENTA, et al, 2021, p. 259).

Nesse panorama, na trajetória de Natalina Soledad, é incontestável a vivência da dor e do sofrimento de uma filha abandonada pela família dentro da própria casa, que sente o machismo diário das pessoas que carregam o mesmo sangue que o seu. Apesar de toda a rejeição e o preconceito sofrido (dentro e fora da esfera familiar), Natalina precisou se resignificar aos poucos.

Dessa maneira, é indubitável que os nomes causam grandes impactos e afetam direta ou indiretamente a vida dos sujeitos. Um nome carrega uma identidade, personalidade, histórias passadas ou futuras, ancestralidade, laços afetivos, entre outros significados. Até mesmo a própria definição de substantivos próprios carregam significados importantes, como foi conceituado por Bechara com base em Mattoso,

Os substantivos próprios mais importantes são os antropônimos e os topônimos. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm prenome (nome próprio individual) e sobrenome ou apelido (“que situa melhor o indivíduo em função da sua província geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [Caeiro], da sua filiação (patronímica) [Soares, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [Diogo Cão], de uma circunstância de nascimento [Neto]”)<sup>7</sup>. Mattoso [MC.4, s.v.] (BECHARA, p. 126, 2019).

Portanto, será realizada uma análise sobre o antigo e o novo nome da protagonista de “Natalina Soledad” e os seus efeitos em relação a sua insubmissa história.

### **3 - ORIGEM DO NOME “TROÇOLÉIA MALVINA SILVEIRA”**

Conforme apresentado anteriormente, “Troçoléia Malvina Silveira” foi eleito o nome da única filha Silveira por seus próprios genitores. Tal prenome é totalmente incomum e carrega uma carga muito negativa para a vida da personagem; situação criada intencionalmente pelo genitor que a desprezava explicitamente.

É visível que esse nome destoa dos nomes dos outros familiares citados na história: Arlindo Silveira, Arlindo Silveira Filho, Arlindo Silveira Neto, Maria Anita Silveira. Assim, todos os nomes mencionados dos indivíduos que compõem a família Silveira possuem nomes positivos e que não aviltam suas integridades de forma alguma, menos, é claro, o de Troçoléia. Também é evidente que a família tem a tradição de homenagear entes queridos como fica exposto nas gerações de “Arlindos”. O que reforça ainda mais a exaltação do masculino e da repulsa ao feminino enraizados na linhagem familiar.

Nesse sentido, é preciso ter consciência que ter um nome civil registrado no cartório é um direito cidadão — uma manifestação de identidade e dignidade humana —, pois simboliza e expõe para a sociedade, de alguma forma, a personalidade e individualidade do sujeito nomeado. Entretanto, ser batizado com um nome considerado vexatório pode afetar ou até retirar a dignidade da pessoa humana de um indivíduo desde os primeiros dias de vida.

Essa conjuntura extremamente degradante se configurou na trajetória da protagonista de “Natalina Soledad”, afetando severamente sua vida. Um exemplo desse constrangimento é expressado claramente na obra: “Quantos anos tinha Tia Troçoléia Malvina Silveira? Que

nome! Que nome! Tão esquisita essa tia! Talvez por isso o vô e a vô lhe tivessem dado esse nome... E as crianças cresciam rejeitando a tia que também rejeitava os sobrinhos.” (EVARISTO, 2016, p. 24). Seu nome era uma barreira para se relacionar até mesmo com as crianças da família, seres naturalmente mais receptíveis e afetivos. Tal trecho ainda traduz uma espécie de ciclo vicioso formado na vida de Troçoléia: as pessoas não querem confraternizar com ela por conta de seu nome; a personagem é obrigada a se adaptar a essa realidade e é vista como “esquisita”; os outros não querem ter contato com ela por ser considerada “esquisita”; o seu jeito peculiar de ser é visto como motivo para o nome pejorativo.

Portanto, é preciso pensar sobre a construção do prenome tão inovador “Troçoléia”. É possível interpretar a sua formação como uma composição por justaposição dos dois vocábulos: “troço” (substantivo comum) e “Léia” (substantivo próprio), pois une os termos sem modificar suas estruturas.

Dessa maneira, será realizada uma análise sobre a possível origem desse nome de batismo peculiar. Para isso, serão utilizadas, sobretudo, fontes citadas e verificadas pelo Prof. Dr. Murilo Bastos da Cunha em seu *Manual de fontes de informação* (2020), como o Dicionário de Nomes Próprios (2023), Dicio - Dicionário online de português (2023), Michaelis On-line (2023), Dicionário Priberam (2023), Dicionário inFormal (2023), entre outras obras de referência.

### 3.1 - TROÇO

É incontestável que o nome “Troçoléia” é advindo diretamente do substantivo masculino “troço”. Tal termo é amplamente difundido e utilizado, informalmente, pela comunidade brasileira. Pode ser empregado para referir-se a praticamente qualquer coisa (concreta ou abstrata) — sendo similar ao “negócio, coisa, e, no mineirês, trem” (RODRIGUES, 2020). A partir das palavras de Bueno, “troço” é “Uma das palavras ‘omnibus’ isto é, que servem para tudo, sinónimo de coisa, objeto qualquer, na fala do povo brasileiro.” (BUENO, 1968). Assim, “troço” é um exemplo típico dessa classificação e “pode ser usada com os mais diferentes significados, com distintas ideias, entendidas no contexto específico em que são usadas” (PALAVRA-ÔNIBUS, 2023) por conta do seu sentido tão abrangente.

Todavia, esse vocábulo assume inúmeras vezes um significado muito pejorativo a depender da situação comunicativa, sobretudo, quando usado para fazer referência a pessoas — como é o caso no conto “Natalina Soledad”. Isso fica claro em definições encontradas em dicionários, como em Michaelis On-line (2023): “COLOQUIAL 1. Objeto cujo nome não se sabe, não é relevante ou não se quer pronunciar; xicaca. 2. Coisa inútil ou sem importância; bagaça. 3. Mal-estar indefinido. 4. Pessoa insuportável 5. Porção de coisas de uso pessoal.” (TROÇO, 2023). Ainda há mais verbetes com sentidos ofensivos e degradantes, como, no Dicionário inFormal (2023), “coisa indefinida; coisa que não presta, descartável; referente a lixo, bosta, fezes; traste velho; qualquer objeto cujo nome não interessa, não se sabe ou não quer se mencionar” (TROÇO, 2023).

Em vista disso, é indubitável que o uso desse termo para nomear a protagonista é repleto de tom maldoso e difamatório. O que marcou profundamente a vida da personagem de forma negativa, pois foi essa a imagem que os seus pais projetaram em seu eu criança antes mesmo de nascer. Um fardo muito pesado carregado por um longo período na sua trajetória solitária.

Como foi dito anteriormente, o prenome “Troçoléia” foi escolhido pelo pai e aceito pela mãe, como é apresentado no trecho da obra: “Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoleia Malvina Silveira.” (EVARISTO, 2016, p. 20). Entretanto, é possível perceber que o uso do advérbio “até” é empregado como uma espécie de partícula de realce, que confere ênfase a essa concordância que, provavelmente, não foi uma ação realizada com muita facilidade pela mãe. Mesmo assim, a mãe não se opõe a esse nome registrado. Afinal, ela estava sofrendo muito com a rejeição e a repulsa do marido ao acusá-la de adultério por conta da gestação da filha do sexo feminino (que, supostamente, não era advinda do seu casamento). Ela mostrou que faria de tudo para agradar o cônjuge — por devoção e por medo —, até tirar a dignidade humana da filha. Também é importante ressaltar que a hipótese de adultério foi totalmente infundada e, para o desgosto de Arlindo Neto, a filha era muito parecida fisicamente com ele — mais do que qualquer outro filho.

O pai, cego de nojo e ódio pelo seu machismo, resolveu batizá-la da forma que enxergava a filha: um troço. Ele negou a sua humanidade e a coisificou. É fulcral destacar que ela só foi registrada e

só herdou o Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar suspeitas de que algo desonroso machava a autoridade dele, permitiu que a coisa menina, mal-vinda ao seio familiar, fizesse parte da prole dele, mas só no nome. Com o tempo, haveria de descobrir uma maneira de mantê-la bem longe, bem longe de casa. (EVARISTO, 2016, p. 20-21).

Logo, a filha, realmente, era vista pelo genitor como um ser insuportável e descartável de sua vida, como seu nome sugere.

Voltando os olhos novamente sobre o termo popular “troço”, essa é uma palavra com uma origem um tanto incerta. Alguns especialistas afirmam que o vocábulo de hoje (pronunciado como *tróço*) surgiu como variante de “troço” (ou “trôço”, como era escrito anteriormente). É pertinente analisar a etimologia da palavra apresentada, conforme Cunha (1999), “**troço** *sm.* ‘pedaço de madeira’ XVI. De origem incerta; talvez do cast. *tros* ‘pedaço’ || **destroçar** *vb.* ‘debandar, dispersar’ ‘quebrar, despedaçar’ XVI || **destroço** *sm.* ‘ruína’ XVI. Dev. de *destroçar*.” (CUNHA, 1999). Dessa maneira, a expressão, originalmente, não era considerada chula ou coloquial, mas, mesmo assim, tem relação íntima com as noções de “pedaço”, “quebrar” e “ruína”. Tais ideias estabelecem forte conexão com o nascimento e a jornada de Troçoléia: ela nasceu com a humanidade e integridade destroçadas pelos pais em uma família despedaçada. Após sofrer muito, tomou como meta quebrar, “triturar, esfarinhar aquele nome que lhe haviam imposto” (EVARISTO, 2016, p. 24); nome cuja raiz é advinda de “pedaço”.

Conforme dito anteriormente, como a origem do termo não é muito bem definida, é enriquecedor analisar a etimologia trazida por outro especialista no assunto. Segundo Bueno (1968), no renomado *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*,

**Trôço** — s. m. Pedaço de alguma cousa, de pau, de pão, mas também merda, bosta mais ou menos sólida. Grupo de pessoas, de soldados, um trôço de gente, de soldados, do exército. Muitas hipóteses têm sido levantadas. Em nossa opinião, o que está confundindo os etimologistas é a ortografia da palavra com ç, baseada no esp. *trozo*. Parece-nos que a ortografia correta deveria ter sido sempre *torso*, com metátese *troso*, do lat. tard. *tursus*, lat. clás. *thyrsus*, caule, tronco e por extensão, pedaço de madeira como ainda hoje dizemos: tronco de árvore, pedaço de caule. (BUENO, 1968).

A concepção militar mencionada caiu em desuso nos tempos contemporâneos, de acordo com Sérgio Rodrigues (2020). Contudo, é perceptível que o antigo “trôço” já carregava, por volta dos anos 60 no mínimo, uma conotação muito negativa ao fazer referência a fezes; já a sua origem estabelece relação com torso e com pedaço de madeira e tronco de árvore. Um campo semântico muito interessante levando em conta o sobrenome da família em questão: “Silveira” — nome advindo da ideia de “selva”, local com muitos pedaços de madeira. Tal nome também denomina uma espécie de árvore. A etimologia dessa palavra será melhor trabalhada no próximo capítulo.

### 3.2 - LÉIA



Embora a motivação da escolha feita pelos genitores de encabeçar o nome de Troçoléia com “troço” seja nítida no conto — conforme apresentada na seção anterior —, a opção de criar uma nova palavra a partir de “Léia” (um nome relativamente comum) é um tanto curiosa; ainda mais tendo em vista o tamanho desprezo pela prole feminina. Por que desprenderam tempo das suas vidas para criar um nome “inovador” para uma criança rejeitada? Eles poderiam simplesmente chamá-la de “Troço” (grafado com “t” maiúsculo para marcar o nome próprio). Uma hipótese seria o estranhamento provocado por uma palavra do gênero masculino referir-se a uma pessoa do sexo/gênero feminino (por exemplo: “A Troço está cansada”), e, provavelmente, não iriam se referir à filha concordando com o gênero masculino apenas para respeitar a gramática tradicional. Logo, é possível hipotetizar que os pais desejaram trazer, no próprio nome de batismo, a “marca” de um nome feminino, que para o pai (principalmente) é uma ultrajante mancha no nome da família, ou seja, nesse ótica, ao transformá-lo em uma clara representação feminina, deprecia ainda mais “o troço”.

Nesse sentido, os progenitores poderiam ter criado o nome com base em uma analogia à flexão de gênero de “troço”: “Troça”; tendo em vista os conhecimentos comuns para tais formações de gênero feminino da Gramática Interna dos falantes de língua portuguesa como língua materna. Conceitos explicitados por Matoso Camara Jr.: “A flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional -a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: (6) a. lob(o) + a = loba [...]” (CAMARA JR., p. 135, 2019). Contudo, não é a construção que ocorre no conto. Uma hipótese para essa formação não ter sido considerada no conto é por conta da sua forma correspondente com o substantivo feminino “troça”, derivado de “troçar”, definido como “**troçar** *vb.* ‘zombar de, escarnecer, ridicularizar’ 1881. De origem obscura || **troça** *sf.* ‘zombaria’ 1881. Dev. de troçar [...]” (CUNHA, 1999). Apesar de também ser negativo, o intuito do pai não era apenas ridicularizá-la; mas, sim, reduzi-la a um mero objeto.

Dessa forma, o termo “Léia” é escolhido para a construção do nome original e pejorativo da protagonista renegada. Mas por que “Léia”? Não é um nome tão comum entre os brasileiros e muito menos para nomes compostos, levando em consideração nomes como “Maria” e “Ana”, por exemplo. A partir de dados do último Censo Demográfico em 2010, promovido pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tal denominação corresponde a cerca de 0,02% da população brasileira, tendo seu ápice na década de 1980 com uma frequência de 6.332 pessoas (provavelmente, por conta da heroína, princesa Leia Organa, do grande sucesso recente do primeiro filme de *Star Wars* [ou *Guerra*

*nas Estrelas*], lançado em 1977 no Brasil). Entretanto, o conto não nos dá nenhuma pista sobre a época em que se passa e se possivelmente os pais sofreram influência de alguma tendência do momento — mas será difícil acreditar que tais indivíduos iriam nomear “o troço” em “homenagem” a uma princesa guerreira intergaláctica (o que representa para muitos força e beleza).

Nesse viés, é preciso atentar-se ao significado do próprio nome “Léia”. Segundo o Dicionário de Nomes Próprios,

significa ‘nascida ou habitante do prado’; ‘vaca selvagem’. Tem origem no nome hebraico *Leah*, que significa ‘vaca selvagem’, e está relacionado com a palavra *láan*. Além desse étimo, há fontes que indicam a possibilidade de o mesmo ter surgido a partir do inglês antigo. Com o significado ‘prado’, ‘campo’, era inicialmente utilizado como sobrenome por pessoas que nasciam ou habitavam esse tipo de local. [...] Sob a variante Lia, aparece no Antigo Testamento da Bíblia como a primeira esposa de Jacó e irmã de Raquel. Por isso, pode ser categorizado como um nome bíblico. (LÉIA, 2023).

Apesar de a vaca ser um animal sagrado em algumas culturas e importante para os judeus (falantes do hebraico), é de conhecimento popular da sociedade brasileira — realidade do conto “Natalina Soledad” — que o termo “vaca” é comumente utilizado como uma forma de ofensa a mulheres. Essa noção é encontrada em diversos dicionários: No Dicionário Didático, “*pejorativo* Mulher que tem muitos parceiros amorosos.” (VACA, p. 803, 2009); No Melhoramentos dicionário: língua portuguesa, “*Ch.* [chulo] Mulher devassa” (VACA, p. 532, 2006); No Dicionário Priberam online, “5. [Informal, Depreciativo] Mulher disforme ou muito gorda. 6. [Informal, Depreciativo] Mulher considerada desavergonhada.” (VACA, 2023); No Dicionário inFormal — em que as palavras são definidas de forma colaborativa pelos próprios usuários — “1. Modo ofensivo de se referir a uma menina vadia ou vagabunda que faz relação sexual. [...] 3. Mulher vagabunda, vadia, pilantra, sem-vergonha.” (VACA, 2023). Logo, há muitos exemplos para expor o quanto esse termo está enraizado como um xingamento extremamente machista e que degrada a figura feminina na nossa sociedade.

Além disso, “Léia” não significa apenas “vaca”, mas, sim, uma “vaca selvagem”, apresenta tal adjetivo que também está intimamente ligado a insultos na realidade brasileira. Assim, algumas definições são pertinentes: segundo o Dicio - Dicionário online de português, é um adjetivo que significa

Das selvas, próprio delas; silvestre, selvático: animal selvagem.  
 Que prefere viver em regiões afastadas dos grandes centros urbanos.  
 Que tem sua origem e se desenvolve naturalmente; silvestre: planta selvagem.  
 Cujo nascimento ou desenvolvimento se efetiva sem regras: capitalismo selvagem.  
 Que não passou pelo processo de domesticação, falando de animais: animal selvagem.  
 Sem resquícios de civilização; deserto, inculto: lugar selvagem; pessoa selvagem.  
 [Figurado] Manifestação de crueldade; bárbaro: foi atacado por selvagens quando passou pelo bairro.

[Pejorativo] Que pertence a uma civilização considerada primitiva; nômade.

[Pejorativo] Que expressa brutalidade, ignorância, rudeza; rude, bruto, ignorante.

Que não é fértil e não pode ser usado para o cultivo, falando especialmente de um terreno, solo etc.; estéril. (SELVAGEM, 2023)

Tal vocábulo está atrelado a diversos conceitos animais e negativos. É necessário notar que essas características descritas dialogam com as vicissitudes que a protagonista do conto enfrenta na sua vida, já que lhe é tirada a própria humanidade, assim como ocorre com pessoas/povos/civilizações considerados inferiores e vistos como animais (apenas por serem diferentes da cultura hegemônica). A filha da família Silveira é desumanizada por ser mulher, isto é, é vista como inferior a um ser humano, a um animal, a um ser vivo: não mais que um troço. Ela também é vista como “a esquisita” dentro e fora de casa e, por isso, se fechou para o mundo, vivendo afastada da comunidade. Da mesma forma, tentou não seguir padrões pré-estabelecidos pelos seus progenitores, desde o seu nascimento, de reduzi-la a um mero objeto e lutou para se ressignificar. Além do mais, “selvagem”, como foi exposto, é um qualidade de quem é oriundo das selvas, o mesmo que silvestre e selvático; portanto, tem relação direta com o sobrenome da família: Silveira.

Similarmente, esse vocábulo também tem sua origem na palavra “selva” de acordo com o Cunha na obra *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (1999). Já conforme o Dicionário de Nomes Próprios, significa “aqueles que têm origem (ou que habitam) local onde há silveiras [uma espécie de árvore] em abundância” (SILVEIRA, 2023), sendo um sobrenome português originado do latim: *silva, silvae*. Assim, conforme Machado (1984), tal nome é um toponímico (frequente na Galiza), ou seja, ele era utilizado, inicialmente, por pessoas que habitavam uma região selvática ou com muitas silveiras.

Também é importante ressaltar que é um nome derivado do radical latino *silva, silvae* com o típico sufixo -eiro(a) que significa “relação, posse, origem”, conforme Cunha e Cintra (2016). Portanto, seria mais um aspecto que poderia incomodar a protagonista do conto: essa reafirmação da sua origem (que a despreza) no próprio vocábulo. Um pertencimento a uma família que só existia, para ela, no nome.

Nesse quadro, a escolha de “Léia” para compor o nome da Silveirinha (como a personagem era chamada por algumas pessoas) não parece ser um mero acaso. O nome evoca a imagem de um animal em um ambiente selvagem; um bicho que, há milhares de anos, é domesticado e, provavelmente, não conseguiria se adaptar a esse espaço hostil a ele. Situação semelhante a que ocorre com bebês humanos abandonados por suas famílias. A protagonista do conto sofreu trauma similar ao ser abandonada dentro da própria casa e quase morrer de fome por descuidos maternos/paternos. O ambiente no qual ela não estava adaptada era a sua

própria casa (composta pelos Silveiras), permeada pela hostilidade e rudeza. Tal família oferecia um “solo” totalmente infértil para o desenvolvimento da filha, que nasceu sem ser planejada e cultivada.

### 3.2.1 - LEIA NA BÍBLIA

Conforme o Dicionário de Nomes (2023) já mencionado, essa denominação é considerada um nome bíblico (variação de “Lia” em algumas traduções). Além disso, segundo o *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa* (1984), Leia é um antropônimo feminino que tem origem no nome Lia, que, por sua vez, advém “Do lat. bíblico *Lia* (*Genesis*, caps. 29.º e 30.º), do hebr. *Leah*, de significação obscura, talvez senhora (casada) (*Hastings*, s. v. *Leah*) ou vaca (*Withycombe*, s. v. *Leah*); daí também a divergente *Leia*<sup>1</sup> (por vezes escrito *Lea*) [...]” (MACHADO, 1984, p. 875).

A princípio, é necessário debruçar-se um pouco sobre a história desse nome feminino na Bíblia. A personagem bíblica é a filha mais velha de Labão, irmã de Raquel e a primeira esposa de Jacó. Ela foi vítima de um golpe do próprio pai sobre Jacó e viveu uma jornada repleta de desprezo e angústia. Jacó estava apaixonado pela filha mais nova, Raquel, e concordou em trabalhar durante sete anos para Labão para poder casar-se com ela. Entretanto, no dia do casamento, Labão mandou Leia no lugar de Raquel, com quem Jacó se casou e teve a noite de núpcias. No dia seguinte, percebendo que foi enganado e questionando o sogro sobre o ocorrido, Labão afirma que a primogênita deve se casar primeiro em respeito a tradição local. Então, Jacó precisa trabalhar durante mais sete anos para conseguir desposar Raquel, mulher pela qual estava verdadeiramente apaixonado.

Portanto, nessa conjuntura, Leia e Raquel foram usadas como objetos comerciais pelo pai, que as trocou por serviços prestados por Jacó. Leia sofreu muito com tal situação, tendo em vista a farsa arquitetada por Labão. Envolvendo-se com Jacó, apaixonou-se e dedicou sua vida ao marido; porém era desprezada por ele (que não desejava ter se casado com ela). A questão da objetificação também é muito forte e presente na história de Troçoléia, vista como um troço pelo seu progenitor.

Após Jacó desposar as irmãs, há uma certa rivalidade entre as duas, já que Raquel era amada e Leia menosprezada. Também há uma tensão em relação à aparência física. Leia, apesar de ser descrita com olhos meigos, era ofuscada pela grande beleza de Raquel. No entanto, Leia era quem concebeu filhos, e Raquel, durante muito tempo, não conseguiu gerar

uma prole: “Vendo o SENHOR que Lia [Leia] era desprezada, tornou-a fecunda ao passo que Raquel permaneceu estéril” (BÍBLIA, Gênesis 29:31, p. 55). Assim, Leia gerou sete filhos com Jacó, seis homens — Rubem, Simeão, Levi, Judá, Isaacar e Zebulom — e uma mulher — Diná. Curiosamente, no conto “Natalina Soledad”, o casal Arlindo Silveira e Maria Anita Silveira também tem sete filhos: seis homens mais velhos e uma mulher mais nova, assim como a prole da união entre Jacó e Leia.

A passagem de Leia também é permeada de nomes com fortes significados para sua história. Os nomes de seus filhos, escolhidos por ela, mostram sua devoção e gratidão a Deus com a bênção do nascimento de seus descendentes em meio a um cenário de dificuldades. Por exemplo, “Rubem” significa etimologicamente “eis aqui um filho” (RUBEM, 2023). Por outro lado, o nome da sua única filha, Diná, possui origem do vocábulo hebraico *Dinah* “[...] que significa ‘juízo’, ‘julgamento’. Por extensão, tem o sentido de ‘julgada’” (DINÁ, 2023). É possível interpretar que esse nome escolhido para a última criança nascida é advindo de toda negligência e julgamento que Leia sofreu em seu relacionamento. Precisamente, a filha menina da família compartilha um pouco da dor da mãe em seu nome de batismo. Igualmente, a potência dos nomes (principalmente femininos) possui grande importância na narrativa de “Natalina Soledad”, assim como seus significados.

Nesse panorama, Leia teve uma vivência solitária ao lado de um marido que não a amava e convivia com uma grande rivalidade com sua irmã; além de ter sido vítima de um golpe realizado pelo seu pai, assumindo o papel de um mero objeto de troca comercial. Contrapondo com a trajetória de Troçoléia, é perceptível que a personagem também sofreu com a solidão em meio a uma família que a desprezava, também possuía um pai que dificultou muito sua vida e também a coisificou, além de vivenciar um péssimo relacionamento com os irmãos.

Assim, é possível traçar algumas semelhanças nas vivências das personagens que, de certa forma, utilizam o nome “Leia”. Ambas compartilham jornadas regadas de desprezo, envolvendo questões como a objetificação do corpo feminino, solidão, maternidade, problemas paternos e relacionamentos amorosos complicados.

### 3.3 - MALVINA

O segundo nome da protagonista de “Natalina Soledad” é um aspecto que não recebe tanta atenção do conto em comparação com “Troçoléia” ou “Silveira”, por exemplo. No entanto, ele não é menos importante para analisar a trajetória da personagem.

A partir do significado de “Malvina” descrito pelo Dicionário de Nomes Próprios, tal nome tem origem irlandesa e quer dizer “chefe cortês, gosta de disputar. Idealista e determinada, nada a faz desistir quando se propõe a conseguir algo.” (MALVINA, 2023). É interessante essa carga semântica que o termo carrega, pois ela foi registrada como um ser que “gosta de disputar” e a sua existência foi disputada ainda no ventre da mãe. Conforme os ideais já mencionados de Regina Delacastagne (2007), o corpo da mulher é um território em disputa, realidade que ocorre durante todo o conto. Entretanto, a futura Natalina Soledad se mostra ser dona e “chefe” do seu destino ao se reinventar e mudar seu nome e sua vida mesmo com tantas limitações vindas do próprio berço. Afinal, a filha menina sempre foi vista como mal-vinda na família, como foi explicitado no próprio conto: “mal-vinda no seio familiar” (EVARISTO, 2026, p. 20).

Além disso, é impossível não enxergar a brutal proximidade fonética e fonológica dos substantivos “Malvina” e “mal-vinda”, inclusive a semelhança gráfica. Esse nome próprio é pouquíssimo utilizado no Brasil — talvez por conta de tais analogias desagradáveis que o início “mal” provoca. Conforme o Censo Demográfico 2010 realizado pelo IBGE, a sua frequência é de 8.638 pessoas e a sua popularidade está na 1860ª colocação em nível nacional (representando cerca de 0,0% da população).

Também é possível traçar um paralelo em relação ao nome “Benvinda”, o qual é o feminino do prenome “Benvindo”, ou seja, “aquele que é bem-vindo” (BENVINDO, 2023) de acordo com o Dicionário de Nomes Próprios. Embora “Benvinda” seja um nome muito incomum no Brasil, há dados do mesmo censo de uma frequência de 3.770 pessoas e está colocado em 3296ª na popularidade de nomes no país (ainda mais raro que “Malvina”, também representa aproximadamente 0,0% dos brasileiros).

Nessa perspectiva, é possível interpretar que esse nome incomum pode ter sido usado como uma inspiração para buscar um antônimo para nomear a personagem, que nasceu já rejeitada pelos progenitores; além de, sem dúvida, o significado particular de “Malvina” agregar fortes sentidos à história da protagonista para além da similitude com “mal-vinda”.

#### **4 - NATALINAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

É perceptível, evidentemente, que as palavras têm o poder de enaltecer ou depreciar um mesmo objeto ou sujeito. Atribuir um nome (positivo ou negativo) potencializa ainda mais esse processo. Portanto, como foi exposto nos capítulos anteriores, o vocábulo “troço” ganha muito peso na vida da protagonista. Natalina, antes mesmo de nascer, já fora desprezada pelos próprios familiares apenas por ser mulher. Sua identidade como ser vivo foi negada antes mesmo de ser concebida, ela era apenas um estorvo indesejado: um “troço”. Tal forte denominação está também marcada de forma bem acentuada no conto “Quantos filhos Natalina teve?” do livro *Olhos d’água* (2014) de Evaristo:

Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas:

— Ei, fulana, o troço desceu! — E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte. (EVARISTO, 2016, p. 37-38)

Em ambos os contos, há semelhante utilização desse vocabulário para se referir a um filho indesejado e também desumanizado.

Tendo em vista a constante presença da escrivência nas obras de Conceição Evaristo, isto é, uma grande aproximação/diálogo com a vida real — sobretudo da comunidade brasileira —, é no mínimo curioso a escolha do nome “Natalina” para duas protagonistas distintas da autora, que dão nome às suas próprias histórias: “Natalina Soledad”, de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), e “Quantos filhos Natalina teve?”, de *Olhos d’água* (2014).

#### 4.1 - NATALIDADE DAS NATALINAS

É possível notar que o nome em questão não é muito popular no país, segundo dados do último Censo Demográfico em 2010, promovido pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o 867º colocado quanto a sua popularidade e representa cerca de 0,01% da população brasileira. Além disso, inesperadamente, a década dos anos 2000, muito próxima do ano de publicação da obra, é a faixa de tempo com menor índice de registro desse nome (com a frequência de apenas 688 pessoas). Talvez possa ser esse um dos motivos que contribuíram para o escrivão do cartório do conto “Natalina Soledad” estranhar essa escolha incomum e pouco requisitada: “O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destoava da denominação familiar dos Silveiras e que era meio esquisito também. Por que Natalina Soledad? Por quê?” (EVARISTO, 2016, p. 25).

No entanto, também é interessante pontuar que tal nome teve seu ápice na década de 1950, próximo do ano de nascimento de Conceição Evaristo em 1946, com a sua frequência máxima de 5.527 pessoas. Desse modo, é possível que a autora tenha tido contato com alguma mulher denominada assim que influenciou seu processo de escrevivência para batizar suas protagonistas, ou não, já que a própria Evaristo afirma em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*:

[...] confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias me pertencem, na medida em que, às vezes, (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 8).

Ademais, uma variação próxima do prenome “Natalina” e muito mais popular atualmente é “Natália” (que está na 82ª posição, com mais de 335.000 registros), e este não se encontra registrado em nenhum exemplar da autora até o momento. A decisão de Evaristo por optar pela primeira alternativa (duas vezes) pode ser uma marca da sua época ou do momento em que as personagens vivem (em que os nomes competiam com mais igualdade); tendo em vista que, em ambos os contos, não há uma marca explícita e definida de temporalidade. Logo, podem se passar em qualquer recorte temporal — o que aproxima e envolve muito mais o leitor, que se vê inserido no espaço-tempo da narrativa, processo muito forte e potente na escrevivência da autora. Por outro lado, não pode ser descartada a possibilidade de que o nome possa, simplesmente, ser de maior agrado da autora.

Em contrapartida, para uma melhor contextualização, podemos observar o nome “Maria”, por exemplo, que é extremamente mais expressivo nacionalmente com 6,41%, representando a 1ª colocação, com mais de 11.734.000 pessoas, conforme o mesmo censo do IBGE. Essa proporção é refletida nas produções literárias de Evaristo (inclusive ela própria se chama Maria da Conceição Evaristo), ilustrada com personagens como a mãe de Natalina Soledad — Maria Anita Silveira — e diversas outras, como as protagonistas dos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “Mary Benedita” (seu nome registrado em cartório é Maria), de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), e “Maria”, de *Olhos d’água* (2014).



Nesse contexto, é notável que o nome próprio “Natalina” é dotado de significado particular que está intimamente relacionado com nascimento (o que será abordado mais profundamente no próximo capítulo). Afinal, ambas as personagens apresentam problemáticas envolvendo o nascer e o gerar a vida. Além disso, o nome aproxima-se mais das palavras usuais relacionadas a nascimento, como “Natal”, “natalidade” e o próprio adjetivo “natalino(a)” se comparado a “Natália”.

## 4.2 - A PROXIMIDADE DAS NARRATIVAS

Assim, também é perceptível, de forma clara, as semelhanças entre tais personagens para além do próprio nome. Essencialmente, ocorre uma aproximação entre as duas narrativas seguindo os principais pontos: primeiramente e de forma mais evidente, por meio do mesmo nome da personagem principal que confere título às suas próprias histórias; abordam relacionamentos conturbados com a família de modo geral — as duas possuem pai, mãe e irmãos —; trabalham temas e problemáticas irradiadas da maternidade indesejada; ambas tiveram alguns namorados/companheiros, mas não estabeleceram relacionamentos amorosos duradouros; no final, as protagonistas encontram paz de uma maneira inesperada e não convencional.

Logo, Natalina Soledad é rejeitada por todos os seus parentes por ter nascido mulher. Sua mãe se recusa a assumir o papel de responsabilidade em relação à filha desde o momento do parto por conta dessa descendente indesejada. A protagonista desistiu de se relacionar amorosamente com alguém: “Silveirinha já adulta, depois de pouquíssimos amores, — aliás, nem amores eram, e sim raríssimos encontros, sem graça alguma, com homens de belos nomes —, desistiu também do amor a dois.” (EVARISTO, 2016, p. 24). Por fim, a única filha mulher da família assume um novo nome incomum em um momento muito posterior ao imaginado.

Enquanto, no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a personagem principal não tem um bom relacionamento com os pais (regado de medo): “Que a mãe perdoasse, não batesse nela, não contasse para o pai.” (EVARISTO, 2016, p. 37). Foge diversas vezes da maternidade (imposta em determinados momentos) e nega a sua própria prole (em três vezes distintas):

Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando,

estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio.” (EVARISTO, 2016, p. 37)

Ela evita e despreza compromissos amorosos e familiares em várias ocasiões: “Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família nenhuma. Não queria filho.” (EVARISTO, 2016, p. 40). Por fim, após ser abusada sexualmente de maneira extremamente violenta e animalésca, escolhe ter o seu primeiro filho de coração. O que gera uma quebra abrupta de expectativa no final do conto.

Nesse sentido, a proximidade das duas narrativas são tão bem marcadas que poderíamos pensar, de maneira bem hipotética, que se trata da mesma Natalina. Afinal, ambas são contos curtos — “Natalina Soledad” possui sete páginas e “Quantos filhos Natalina teve?” conta com 8 páginas (até em extensão do texto são semelhantes) — que não estabelecem muito bem um recorte temporal, isto é, uma época em si não é mencionada e o tempo é muito relativizado: ora passa rápido, ora passa devagar. Ademais, muitas partes da vida das personagens, logicamente, são omitidas.

Essa estreita relação, na qual as duas seriam a mesma pessoa, poderia explicar, de maneira ligeiramente satisfatória, a negação da Natalina de *Olhos d’água* em conceber um filho em primeiro momento e também em construir vínculos e compromissos afetivos; já que ela nunca soube o que era verdadeiramente amar e ser amada, nem nunca teve um bom exemplo de uma maternidade saudável. Ela viveu na própria pele a dor e o peso do que é ser rejeitada e desprezada no próprio seio familiar, então, provavelmente, não desejaria nada parecido para uma criança; levando em consideração que ela sempre se preocupou em se desvencilhar do vínculo e responsabilidade materna.

Essa teoria poderia esclarecer, de alguma forma, um mistério que ronda o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, que consiste na total recusa da protagonista em conceber filhos de relacionamentos com namorados/homens conhecidos por ela e ter o seu “primeiro filho do coração” por meio de um grave abuso, realizado por um desconhecido. Talvez a dissociação de vínculos pessoais com outros indivíduos era uma condição imprescindível para reconhecer o filho como um igual. A prole seria, naturalmente, rejeitada pela maioria da população; tendo em vista que a própria criança seria uma espécie de “lembrete” do episódio traumático na vida da vítima. O filho seria rejeitado ainda no ventre, antes mesmo de nascer, e desprezado pela família: assim como aconteceu com Natalina Soledad (mesmo que por motivos diferentes). Tal identificação com essa origem dramática e sem uma figura paterna presente poderia ser uma motivação para o acolhimento da primeira criança entre as geradas em seu ventre.

No entanto, há um ponto em que as histórias das Natalinas divergem e tornam essa possibilidade falha: os seus irmãos. Na narrativa de Natalina Soledad, é dito claramente que ela possui sete irmãos homens mais velhos — tal informação é importante para o desenvolvimento da trajetória da protagonista. Já em “Quantos filhos Natalina teve?”, há passagens em que são mencionados irmãos mais novos, como: “Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles.” (EVARISTO, 2016, p. 38). Ainda há outra passagem, nesse conto do livro *Olhos d’água* (2016), que reforça essa divergência quanto aos irmãos das personagens:

[...] tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saira de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. (EVARISTO, 2016, p. 43)

Isso torna a informação quanto o sexo dos irmãos confusa, tendo em mente que o narrador se refere a eles, em primeiro momento, como “irmãos menores”, ou seja, torna necessário pelo menos um irmão homem para tal concordância de gênero seguindo a Gramática Tradicional da Língua Portuguesa. Dado que é negado posteriormente, quando Natalina admite que não tem irmão algum, apenas seis irmãs mulheres. Portanto, a veracidade desses dados podem ser questionados (possivelmente pela situação de risco na qual a personagem se encontra).

Nesse panorama, considerando essas informações como fatos, essa questão, que pode passar despercebida, faz com que a teoria de que as personagens que compartilham o mesmo nome são a mesma pessoa, infelizmente, não se sustente. No entanto, é impossível não notar as semelhanças e dores também partilhadas entre ambas; principalmente, quando o nascer e o renascer estão em pauta.

## 5 - POR QUE NATALINA SOLEDAD?

O conto “Natalina Soledad” termina com uma cena muito emblemática para a jornada da protagonista: a troca de seu nome de batismo — um grande peso e estorvo na sua vida — no cartório. Como sempre, a personagem vai sozinha para realizar a grande mudança tão aguardada. A sua história se encerra com a sua postura erguida e determinada ao responder os questionamentos do tabelião:

E, sonoramente, quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele nome da petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome era meio esquisito também. Por que Natalina Soledad? Por quê?

Natalina Soledad — nome, o qual me chamo — repetiu a mulher que escolhera o seu próprio nome. (EVARISTO, 2016, p. 25)

De forma bela, tal trecho final da narrativa traduz, em poucas palavras, a resistência e a ressignificação da personagem que é construída pouco a pouco. A potência da escolha e da adoção do novo somada à rejeição do antigo, que não a representava, dá a verdadeira liberdade para ela viver sua vida sem as amarras familiares. É explícito que a protagonista precisava romper o laço do nome “Silveira” que marcava seu pertencimento a uma família que só existia nesse sobrenome para ela. Foi o que ocorreu. Até o tabelião a questionou sobre essa fuga do padrão dos nomes dos Silveiras. Mas por que Natalina Soledad?

Sem muitas explicações, a recém-nomeada Natalina apenas afirma que é o “nome, o qual me chamo” (EVARISTO, 2016, p. 25), abrindo espaço para imaginarmos seus motivos para essa adoção. Devido a todo o seu envolvimento com um nome depreciativo, que não a representava e tirava-lhe sua dignidade humana, certamente, sua escolha de um novo nome não seria por mero acaso (ainda mais considerando a escrita de Conceição Evaristo).

Assim, fica claro que a protagonista do conto se identifica particularmente com a nomenclatura Natalina Soledad, inclusive fica subentendido que já se chamava e se enxergava dessa forma antes mesmo de oficializar sua troca no cartório. Logo, é imprescindível atentar-se aos sentidos que esse nome evoca.

## 5.1 - NATALINA

Em primeira análise, o vocábulo “Natalina” é definido como um antropônimo feminino de acordo com o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa* (1999), ou seja, é considerado um nome de pessoa; fato que já traz um pouco da humanidade que lhe foi roubada ao ser registrada como “Troçoléia”. Esse nome é advindo do radical latino *natalis*, que significa nascimento. Segundo Cunha, o vocábulo “natalino” (comumente empregado como um adjetivo, mas também como um nome próprio) tem a sua origem etimológica advinda de “nascer”: “**natal, -ício, -idade, -ino** → NASCER.” (CUNHA, 1999). Além disso, a utilização do sufixo -ino(a) para a formação desse vocábulo tem um sentido de “relação, origem, natureza” (CUNHA; CINTRA, 2021, p. 113).

Portanto, é incontestável a intrínseca relação do nome com o natal/nascimento, além do mais tal prenome é frequentemente adotado para batizar crianças que vieram ao mundo no feriado de Natal (nascimento de Jesus Cristo) — o que não parece ser o caso da personagem

em questão. Conforme Machado (1984), na obra *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, o nome "Natalino" é um antropónimo masculino ("Natalina" é sua versão feminina) que é "derivado de Natal [Do lat. Natale-]; primitivamente aplicar-se-ia aos que nasciam no dia 25-XII." (MACHADO, 1984, p. 1060).

Assim, como já foi exposto, esse nome não é muito popular entre os brasileiros; mas foi escolhido pela protagonista entre milhares de opções possíveis. Um fato um tanto peculiar se levarmos em conta apenas a escolha do seu prenome isoladamente. Afinal, o seu nascimento não foi nem um pouco celebrado por nenhum familiar e, provavelmente, foi um evento traumático para a recém-nascida que sofreu maus-tratos da mãe, que se descuidou propositalmente das suas necessidades básicas antes e depois de pari-la para que não “vingasse”, além de, é claro, ser rejeitada pelo pai.

Também é interessante ressaltar que, inconscientemente ou não, o nome "Natalina" traz uma certa bagagem semântica relacionada à família, cuidado e celebração da vida, ao evocar no imaginário popular a festa de Natal (comemoração religiosa e de união familiar) e também aos cuidados maternos (como os exames realizados no pré-natal, por exemplo). É possível perceber que é uma área da vida em que a Natalina Soledad foi privada de muitos aspectos positivos.

## 5.2 - SOLEDAD

A protagonista escolheu adotar para si "Natalina Soledad" e abdicar do seu nome composto "Troçoléia Malvina" e também do sobrenome "Silveira": único vínculo familiar que restara. É possível interpretar o segundo nome da personagem como o seu único sobrenome (assim como era, anteriormente, o sobrenome “Silveira”). É preciso destacar o grande significado de um sobrenome sobre a vida de uma pessoa. Para isso, é pertinente o verbete apresentado pelo Dicio - Dicionário On-line de Língua Portuguesa (2023):

Nome de família; nome recebido do pai e da mãe, que vem após o nome de batismo: Ana Maria Silva - Silva é seu sobrenome, e Ana Maria é o seu nome.  
 Nome que acrescenta ao nome próprio de alguém; apelido, alcunha.  
 [Figurado] Expressão, nome, designação que qualifica ou caracteriza algo ou alguém: chocolate sempre foi o seu sobrenome!  
 Etimologia (origem da palavra sobrenome). A palavra sobrenome deriva da junção de sobre, do latim “super”, que significa “em cima”, e da palavra nome. (SOBRENOME, 2023).

Nesse quadro, o sobrenome define filiação e origem de algum indivíduo por meio do compartilhamento mútuo dessa nomeação. Ele mostra suas raízes e heranças ancestrais. Tal passado familiar é vangloriado por Arlindo Silveira Neto, o progenitor de Natalina Soledad,

marcado por uma longa linhagem de descendentes homens que carregam o sobrenome Silveira. Uma linhagem permeada de machismo estrutural que deixou marcas profundas sobre a protagonista. Ela consegue se libertar desse vínculo ao abandonar o antigo sobrenome e adotar um que a representasse verdadeiramente: “Soledad”.

O sobrenome, usualmente, também é visto como uma forma de apelido ou alcunha, tanto que alguns amigos e conhecidos tentaram chamar a personagem por “Silveirinha” (como uma forma mais afetuosa e menos aviltante). Além disso, é de uso frequente o sentido figurado da palavra “sobrenome” como uma característica intrínseca de um sujeito conforme mencionado no trecho do dicionário. Fato que, certamente, deveria incomodar a protagonista do conto, que era apagada e excluída do círculo familiar.

Dessa forma, “Soledad” representa muito bem a trajetória vivida por essa mulher. O termo é um substantivo feminino que significa “solidão, soledade” em língua espanhola conforme o verbete de Becker no *Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol* (1984). Natalina, mesmo no ventre de sua mãe, já estava solitária no mundo. Rejeitada no seio familiar e com breves e raras amizades e amores, ela abraça a sua solidude como parte integrante do seu ser: sua própria origem. “Soledad” também está associado a um certo tom de melancolia e tristeza.

Sua versão mais próxima em língua portuguesa, soledade, além do substantivo comum, é um antropônimo feminino e topônimo segundo o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa* (1999). Esse nome, culturalmente, está muito associado a Nossa Senhora. O verbete de Machado (1984) expõe a sua origem etimológica: “Do esp. *Soledade* (do lat. *solitate*-), estado de quem se encontra só ou abandonado, o m. q. saudade. O nome alude a Nossa Senhora da *Soledade*, assim denominada em alusão ao estado em que Ela se achou quando se deu a Paixão e Morte de Seu filho, Jesus.” (MACHADO, 1984, p. 1319-1320).

Uma informação curiosa é o fato da mãe de Natalina Soldad também se chamar Maria, assim como a Nossa Senhora. A Virgem Maria é uma grande referência religiosa como Santíssima Mãe de Jesus Cristo e um ícone que representa a maternidade, cuidado, amor e ternura para os cristãos. Em contraponto, Maria Anita em “Natalina Soledad” retrata a negligência e a negação materna. Maria Anita em vez de sofrer a dor da perda de um filho, sofre com o nascimento de sua filha; em vez de sentir saudades de viver a presença de seu descendente, sente saudades da sua ausência. A mãe de Natalina perde sua filha indesejada, não para a morte, mas, sim, para o machismo advindo do seu esposo e incorporado também por ela na esfera familiar.

O uso de “Soledad” como sobrenome da personagem ganha ainda mais profundidade ao pensar que ela só registrou o nome “a qual ela se chama” apenas após a morte de ambos os pais — situação que não é muito bem compreendida no conto. É provável que a protagonista só se sentiu verdadeiramente completa em sua solidude plena após a partida de seus genitores. No conto, quem narra é quem tenta buscar um motivo pela sua demora:

Aos dezoito anos — dizia para si mesma — toda pessoa, vítima de seu próprio nome, pode trocá-lo. Mas Silveirinha, somente aos trinta, decidiu. Nem ela sabia explicar por que aguardou tanto tempo. Talvez por inexplicável respeito aos pais. Sim, pois só depois que os dois, vítimas de um desastre de carro, morreram, foi que Silveirinha tomou a decisão. (EVARISTO, 2016, p. 24-25).

Mas por que a supressão da vogal “e” final em “Soledad”? Por que preferir o vocábulo em espanhol ao português (sua língua materna)? O conto não fornece informações concretas para responder tais questionamentos tão pertinentes. Entretanto, é possível imaginar que Natalina esteja, novamente, redefinindo suas raízes e negando a sua pátria e língua herdada dos pais.

Além disso, o sobrenome “Silveira”, a partir do *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* (1984), é um toponímico em Portugal para “Alcácer do Sal, Arouca, Campo Maior; no Brasil: São Paulo. Pelo menos alguns destes topônimos são o pl. do s. f. *silveira* [...]; outros poderão referir-se a pessoas de famílias locais como o apel. *Silveira*, como uma cidade no estado de São Paulo (Brasil)” (MACHADO, 1984, p. 1348). Dessa maneira, o nome tem origem portuguesa e faz referência a essas localidades. Escolher um termo em língua espanhola é romper mais uma vez com a tradição familiar. Também é pertinente pontuar que, historicamente, Portugal e Espanha são países que viveram diversos conflitos.

Por outro lado, a escolha do nome em Língua Espanhola pode fazer uma referência ao clássico da Literatura Hispanoamericana: *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez (1967) — título original da obra, traduzida como *Cem Anos de Solidão* para o português brasileiro. O que estabelece uma conexão entre as duas narrativas; tendo em vista que a famosa obra colombiana retrata a ascensão e a queda da grande família Buendía, que, apesar de estarem sempre cercados por muitas pessoas, vivem um estado de espírito de profunda solidão. Os Buendías são muito plurais e apresentam jornadas diversas, mas todos, de alguma forma, carregam essa solidude dentro de si. Além disso, a matriarca da família, Úrsula Buendía, afirma no livro que, principalmente, as mulheres dessa família são muito solitárias. Assim, Natalina pode ter tido contato com essa obra do cânone literário e ter se identificado com tal questão pessoal das personagens, reivindicando o “Soledad” como sua marca de solidão em meio a uma grande família que a rejeitara.

Portanto, Natalina se apropriou do vocábulo “Soledad”, criou a sua própria família e redefiniu a sua origem. Debruçando-se sobre seu novo nome completo — Natalina Soledad —, é notório o bonito jogo de palavras para descrevê-la como a nascida da solidão.

## 6 - CONCLUSÃO

Conforme a análise tecida nesta monografia, Conceição Evaristo trabalhou de maneira muito bem elaborada as questões com os nomes femininos em *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Em especial, o conto “Natalina Soledad” aborda, de maneira muito sensível, o poder do nome feminino e a potência da automeação na vida da protagonista.

Assim como em demais contos da coletânea, Natalina Soledad compartilha suas dores e mostra sua insubmissão perante à realidade degradante imposta a ela. A protagonista luta contra suas vicissitudes decorrentes do machismo dentro e fora da esfera doméstica, carrega suas cicatrizes advindas de um nome que avilta sua dignidade humana e, por fim, reduz a pó essa nomenclatura e ressignifica seu ser.

Conceição Evaristo, de forma sutil e por meio do discurso indireto livre, resume em poucas palavras o sentido dado por Arlindo Silveira por trás da escolha do nome difamatório “Troçoléia Malvina Silveira”: “a coisa menina, mal-vinda ao seio familiar” (EVARISTO, 2016, p. 20-21). No mesmo trecho, o genitor deixa bem claras suas intenções quanto à herança do sobrenome Silveira, pois “a ausência desse indicador familiar poderia levantar suspeitas de que algo desonroso machava a autoridade dele, permitiu que a coisa menina, mal-vinda ao seio familiar, fizesse parte da prole dele, mas só no nome.” (EVARISTO, 2016, p. 20-21).

Ao final do conto, Conceição Evaristo evidencia a destruição de uma vida subjugada pelos laços sanguíneos marcados em seu nome dotado de desprezo materno e paterno. Dessa forma, Natalina pôde renascer, renegando a sua coisificação imposta e reivindicando a própria solidão como sua genitora. Ela se intitula Natalina, que remete a ideia de natal, ou seja, vem do latim “natalis” que representa o nascimento, enquanto Soledad significa solidão em espanhol. Afinal, a protagonista já foi concebida no mundo sendo negada pela família e abraçada pela sua solitude. A mulher que se criou sozinha. Natalina Soledad, a nascida da solidão.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BECKER, Idel. **Dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol**. São Paulo: Nobel, 1984.
- BENVINDO. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/benvindo/>>. Acesso em: 24 out. 2023.
- BÍBLIA. Português. Gênesis. *In*: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Edição da família. Tradução de Ludovico Garmus. 51 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 22-80.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. **O Conto Brasileiro Contemporâneo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. v. 8. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5 ed. São Paulo: EDUSP, 1975.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2 ed revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/ A, 1999.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. 2 ed. Brasília: Briquet Lemos / Livros, 2020. Disponível em: <[http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/36747/1/LIVRO\\_ManualFontesInformacao.pdf](http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/36747/1/LIVRO_ManualFontesInformacao.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2023.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance contemporâneo: 1990-2004. **Estudos da Literatura Brasileira contemporânea**, n. 26, p. 13-71, jul.-dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan.-abr. 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 15, p. 127-135, 2007.

DINÁ. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/dina/>>. Acesso em: 17 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Dicionário didático**. 3 ed. São Paulo: Edições SM, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2 ed. Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search/response/713>>. Acesso em: 10 out. 2023.

LÉIA. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/leia/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

LIMA, Ana Carla da Silva; DE MELO, Henrique Furtado. Em nome da violência: Uma leitura de Natalina Soledad, de Conceição Evaristo. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, [S. l.], v. 3, n. 20, p. 298-313, 2019. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3140>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LOWY, Michael. “A contrapelo”. A concepção dialética de cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). **Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, p. 20-28, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

MALVINA. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/malvina/>>. Acesso em: 24 out. 2023.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Melhoramentos dicionário**: língua portuguesa. 1 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

PIMENTA, Luciana et al. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em *Olhos d'água*. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago., 2021.

RESQUE, Amanda Gabriela de Castro. “Tomei em minhas mãos o cedro do meu destino...”: considerações sobre os contos “Natalina Soledad” e “Regina Anastácia”, de Conceição Evaristo. **Inventário - revista dos estudantes de pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia**, Salvador, n. 28, ago., 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/44419/25077>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

RODRIGUES, Sérgio. Troço? Que troço é esse?. **Veja**, 31 jul. 2020. Sobre palavras. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/troco-que-troco-e-es-se/amp/>>. Acesso em: 19 out. 2023.

RUBEM. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/rubem/>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SELVAGEM. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/selvagem/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

SILVA, Nelsilene Dos Santos et al.. Mulheres negras e a construção da identidade nos contos “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” e “Natalina Soledad”, Conceição Evaristo. **Anais do I Seminário Nacional do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/91878>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVEIRA. *In*: Significado dos Nomes - Dicionário de Nomes Próprios. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/silveira/>>. Acesso em: 14 out. 2023.

SOBRENOME. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sobrenome/>>. Acesso em: 2 nov.

TROÇO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/troco-2/>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

TROÇO. *In*: MICHAELIS On-line, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tro%C3%A7o/>>. Acesso em: 1 jun. 2023.

VACA. *In*: Dicionário inFormal. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/vaca/6186/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

VACA. *In*: Dicionário Priberam Online de Português. Lisboa: Priberam informática S. A., 2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/vaca>>. Acesso em: 13 out. 2023.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa** - Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: A academia, 1999.